

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**MIRELLA APARECIDA DOS SANTOS MARIA**

**Arte com Bonecas Abayiomis**

**MATINHOS  
2022**

MIRELLA APARECIDA DOS SANTOS MARIA

Arte com Bonecas Abayiomis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de PÓS-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista em Educação.

**Orientadora:** Profa. Esp. Valéria Aparecida Bressiaini

MATINHOS  
2022

## RESUMO

O presente trabalho apresenta como proposta o desenvolvimento de práticas descoloniais, e a realização de intercambio entre comunidades periféricas e o uso de plataformas digitais para a comunicação dos conhecimentos locais na criação da museologia quilombola, bem como para a preservação dos conhecimentos afro-descendentes. Descreve meios utilizados para compreender quais são os avanços e quais são as limitações que o formato digital , apresentado pela contemporaneidade proporciona para a realização da comunicação entre comunidade e museu. Tendo a figura feminina negra como responsável por organizar a cultura quilombola na resistência contra a cultura hegemônica reguladora dos processos educacionais que se encontram a serviço de uma educação mercadológica, valorizando os aspectos intergeracionais para a troca de saberes.

**Palavras-chave:** Museu. Mídia. Prática descoloniais. Comunidade.



## **Projeto de pesquisa**

**Título:** Práticas descoloniais e patrimoniais no contexto dos atuais desafios globais: a museologia quilombola transdisciplinar através de formatos digitais em museus comunitários brasileiros

## **Problema, Hipóteses e Objetivos**

Como os museus lidam com os diferentes desafios globais ao redor do mundo? O Brasil tem lutado com o declínio constante dos investimentos públicos em arte e cultura. Este problema se intensificou desde 2018 com o aumento de posições políticas conservadoras, a desvalorização do patrimônio cultural de comunidades vulneráveis e, em 2020, com a crise pandêmica. Nossa hipótese é que como o conhecimento físico praticado nas periferias das comunidades vulneráveis tem enfrentado todas as lutas atuais para promover seu patrimônio cultural? Além disso, com o crescimento do uso de ferramentas on-line, como as comunidades periféricas aprenderam a criar e comunicar seus conhecimentos situados nestas plataformas?

Repensando como a situação atual é urgente de divulgar, esta proposta de pesquisa visa investigar a partir da perspectiva artística e ativista conjunta - chamada ativismo (Seyal, 2020) - como as comunidades periféricas vulneráveis brasileiras articulam diversas mídias para continuar a divulgar o conhecimento produzido nos museus locais além de seus espaços físicos. Ela também visa mostrar a interferência política atual que viola direitos fundamentais dessas comunidades, tais como o desenvolvimento local através do patrimônio cultural intangível, da arquitetura, da agricultura e do artesanato. Avaliaremos como as lideranças femininas dos museus comunitários

afro-diasporicos traduzem seu patrimônio cultural de ambientes físicos em formatos digitais. Usando a perspectiva descolonial nas práticas curatórias, os museus comunitários estão criando a museologia quilombola, uma perspectiva brasileira da história da arte baseada nas formas de coleta, exposição e preservação do conhecimento dos afro-descendentes. As instituições a serem analisadas serão o Muquifu (Museu dos Quilombos e Áreas Urbanas Periféricas) e o Museu Iaiá Procópio. Estes museus comunitários brasileiros são liderados por mulheres que se articulam com sua comunidade para continuar produzindo sua museologia a partir da perspectiva periférica vulnerável a um ambiente virtual descolonial.

Esta investigação nos ajudará a compreender os avanços e limitações do formato digital, o domínio das tecnologias, o acesso à produção de tecnologia social e seu impacto sobre o patrimônio do museu comunitário afro-descendente. Estas instituições têm sido desencorajadas e têm sofrido com a falta de políticas públicas desde 2019, afetadas principalmente pelo desmantelamento político e pelo autoritarismo (Calabre, 2020). Durante a crise da COVID-19 em 2020, estas instituições de arte foram desafiadas a apresentar seu acervo físico on-line para manter vivo o conhecimento sobre os povos afro-brasileiros. Assim, vamos investigar como as mulheres líderes e suas comunidades organizaram os museus quilombolas e suas coleções, curadorias e exposições.

Além disso, esperamos entender em que circunstâncias as estratégias artivistas atuam como uma ferramenta para disseminar o material e a cultura imaterial dos museus comunitários. Esta pesquisa parte de experiências de museus comunitários para transformar a museologia quilombola em plataformas on-line e se baseia em estudos

de história da arte, sociomuseologia, alfabetização da mídia, tecnologia social, ativismo, perspectivas pós-coloniais, feminismo transnacional e teoria das questões raciais.

### **Relevância para o campo profissional ou acadêmico**

Estudos têm discutido a ruptura colonial na cultura brasileira e mostrado sua relevância acadêmica e empírica. Estudiosos e ativistas têm promovido um pensamento interdisciplinar crítico: o pensamento descolonial, que é a profunda revisão da colonização política e da colonialidade que está subjacente às práticas opressivas (Mignolo, 2013, Quijano 1997, Lugones, 2010, Birge & Collins, 2021). Observar criticamente como as estruturas coloniais têm sobrevivido até a contemporaneidade brasileira é fundamental para promover estratégias de repensar (Hooks, 2013) tais práticas. Assim, é necessário fortalecer diferentes conhecimentos situados para reestruturar o domínio colonial.

Desde os anos 90, a virada descolonial (Quijano, 1997) tem sido usada como uma abordagem prática em lugares culturais como museus e tem incorporado o pensamento descolonial em práticas museológicas. Este movimento pode ser visto como uma mobilização crítica para reescrever histórias, memórias e visualidades que foram desvalorizadas (Maldonado-Torres 2014). Neste contexto, os museus comunitários são produtores de conhecimento empírico da teoria da sociomuseologia (Santos, 2003) que valorizam bens patrimoniais, tais como coleções, curadorias e

exposições. A construção pertencente ao discurso e a visualidade tornam o público um representante ativo do museu (Desavallées, 2015).

As lideranças femininas nos museus e suas comunidades têm repensado a dinâmica e os impactos que a pandemia tem causado nestas instituições. Dessa forma, elas podem preservar o conhecimento marginalizado. Neste cenário, os recursos digitais têm sido cada vez mais utilizados na rotina dos museus como uma ferramenta de trabalho e um aliado para (re)articular e (re)disseminar o conhecimento descolonial. O uso da tecnologia é irreprimível na cultura. Os estudos do Cybermuseum já reconheceram o vasto conhecimento virtual (Levy, 1993) e as hierarquias sociais de opressão que ignoram o domínio do autoconhecimento e da autodeterminação produzidos pelas comunidades em ambientes virtuais (Gonzalez, 2011).

Por essa razão, a alfabetização da informação sobre mídia (Carlsson, 2019) é um produtor de avaliação crítica do discurso digital e ajuda a entender seu uso e interpretação em plataformas, aplicativos e programas on-line e off-line. Também fomenta um conteúdo pluralista de interação e comunicação, novas estratégias, metodologias e atitudes que ampliam a perspectiva e o conhecimento dos museus comunitários. Em contraste, o uso de telefones celulares, computadores, tablets e outras ferramentas digitais em museus comunitários são recursos de documentação que ampliam seu uso para criar e produzir atividades online. Conseqüentemente, os museus comunitários abordaram uma linguagem descolonial em formatos digitais derivados de sua posicionalidade situada. O sistema de mídia se expande para produzir conhecimento a partir do intercâmbio cultural mútuo com os residentes da



comunidade. Ele apóia o acesso da liderança feminina aos museus, promovendo tecnologia social concreta e o ativismo (Costa, Coelho, 2018).

Os museus brasileiros liderados por mulheres, como o Museu Iaíá Procópia, são referenciais nas práticas descoloniais e digitais e mantêm vivo o conhecimento produzido pelas afro-descendentes. Procópia dos Santos Rosa é pioneira e descendente do grupo Kalunga - um dos povos da cultura bantu africana - que permitiu que sua casa se tornasse um lugar museológico para a fundação do museu comunitário. Desde 2019, o lugar rural tem constituído uma casa-território cultural, político e de identidade. O povo formou comunidades auto-suficientes chamadas quilombos e vive há mais de 200 anos isolado em regiões remotas, atualmente localizadas no estado brasileiro de Goiás. Quilombo é um povo de luta ou conhecimento subjetivo dos povos escravizados negros (Moura, 1987; Nascimento, 1982). A parceria com os moradores da comunidade quilombola reforça a proposta de criação de um museu de memória e história da comunidade quilombola Kalunga.

A casa museu organiza exposições baseadas em curadoria transdisciplinar e reflexiva. Sua organização coloca sua estrutura e o conhecimento material e imaterial da Iaia Procópia e dos ancestrais da comunidade como agentes ativos e fortalecedores da valorização da comunidade quilombola. A coleção consiste em objetos da população Kalunga, como tecelagem, cerâmica, ferramentas agrícolas, fotografias, materiais audiovisuais de manifestações artísticas afro-brasileiras e objetos caseiros doados para exibição de sua vida cotidiana. As práticas digitais utilizadas para o registro das atividades desmascaram o acesso estrutural desigual à tecnologia e suas ferramentas, que são utilizadas para alcançar virtualmente e incipientemente o público local e de

outras áreas. Em contraste, o domínio consciente da mídia e da alfabetização da informação tem ajudado a divulgar manifestações culturais em plataformas digitais; telefones celulares, por exemplo, são usados para a cura de coleções através de publicações de mídia social.

Da mesma forma, o quilombo Muquifu ilustra como um lugar cultural brasileiro fundado e administrado por 14 mulheres ativistas locais organizou sua perspectiva museológica. O museu metropolitano traz em seu nome as palavras quilombo e muquifu como conceitos de posicionalidade que se referem a perspectivas afro-diaspóricas. Complementando a perspectiva do quilombo, parte da população afro-descendente que resistiu ao período colonial foi expulsa dos grandes centros urbanos para viver em comunidades periféricas sem qualidade de vida ou infra-estrutura. Estes espaços, chamados aglomerados ou favelas, também são ignorados por um governo que não oferece acesso econômico, cultural e geográfico adequado aos moradores. Muquifu é um quilombo urbano formado predominantemente por mulheres afro-descendentes que se concentra na preservação da memória local dos moradores vulneráveis da comunidade do Morro do Papagaio. Este quilombo construiu um museu auto-suficiente com uma narrativa visual, etnográfica e histórica dos moradores locais que vai além das fronteiras da comunidade. Sua coleção consiste em materiais orais e físicos, como fitas e fotografias de rituais religiosos afro-brasileiros do banto africano e objetos tradicionais caseiros doados pelos moradores. O ambiente virtual já está presente em suas práticas, e a comunidade está se reapropriando das mídias sociais para produzir conhecimento crítico sobre as atividades síncronas e assíncronas das fronteiras.

Os dois museus reconheceram a palavra quilombo como uma categoria analítica para evocar perspectivas territoriais e culturais. Este conceito traduz o estudo acadêmico e empírico da museologia quilombola (Neves, 2013) e diálogos com uma perspectiva sociomuseológica, proporcionando uma revisão estrutural dos estudos dos museus e do conhecimento dos afro-descendentes. Além disso, as mulheres líderes e suas comunidades têm usado formatos digitais nas práticas museológicas quilombolas. A comunidade reelabora criticamente o ambiente virtual para exibir, curar, coletar e disseminar seus conhecimentos a partir de uma perspectiva descolonial.

A exclusão social diária nos territórios periféricos abrange a violência epistêmica passada e presente e a situação pandêmica atual. Entretanto, ela também fortaleceu virtualmente a museologia quilombola nos museus comunitários devido à parceria consciente e crítica das mulheres e de sua comunidade. Portanto, estratégias ativistas disseminam a reificação do conhecimento periférico e também impulsionam a construção de um museu comunitário crítico on-line acessível, artístico e descolonial para todos - a tecnologia social (Seu Brasil 2004) e o ativismo (Raposo, 2015) apropriado pelo público local e global.

## **Bibliografia**

Assunção, P., Primo, J. *To Understand new museology in the XXI century -Socio museology*. Brazil

Bachmann-Medick, D., Kugele, J. & Nünning, A. (2020). *Futures of the Study of Culture*. Berlin, Boston: De Gruyter.

Behar, Ruth (1993), *Translated Woman. Crossing the Border with Esperanza's Story*. Beacon Press, Boston.

- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). *Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling*. *Sociological Methods & Research*, 10(2), 141-163.
- Birge, S., Collins, P. (2021). *Interseccionalidade*. São Paulo. Boitempo.
- Bondía, J., L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira da Educação*, 19, 20-28.
- Browe, K. (2005). *Snowball sampling: using social networks to research non-heterosexual women*, *International Journal of Social Research Methodology*, 8(1), 47-60.
- Carlsson, U. (2019). MIL in the cause of social justice and democratic rule. *Understanding media and information literacy (MIL) in the digital age - a question of democracy*. UNESCO. University of Gothenburg. Sweden. 11-24.
- Carvalho, R. M. R. (2005) *As transformações da relação museu e público: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual*. [ Doctoral Thesis]. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ-IBICT.
- Desvallées, A. (1992) *Vagues: an anthology of new museology*. *Savigny-le-Temple, museology collection*, Éditions W MNES.
- Faugier, J., & Sargeant, M. (1997). *Sampling hard to reach populations*. *Journal of Advanced Nursing*, 26, 790-797.
- Guerreiro, D. (2020). *Museologia e as tecnologias digitais: dispositivos para a documentação e comunicação dos patrimônios*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 9, 81-102.
- Gutiérrez-Rodríguez, E. (2006). *Translating positionality: On post-colonial conjunctures and transversal understanding*. eipcp.
- Gonzalez, J., A. (2011). *From culture to cyberculture and knowledge process*. São Paulo. Revistas USP.
- Haraway, D, J. (1988) *Situated Knowledge: the science question in feminism as a site of discourse on the privilege of partial perspective*. *Feminist Studies*. 14 (3), 575-599.
- hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Its Brasil. (2004) *Caderno de Debate – Tecnologia Social no Brasil*. São Paulo. ITS
- Lévy, P.(2013). *Cibercultura*. São Paulo. Editora 34.

- Lugones, M. (2011). *Toward a Decolonial Feminism*, *Hypatia*, 25 (4), 742-59.
- Maldonado-Torres, N. (2014). *Race, religion, and ethics in the modern/colonial world*. *Journal of Religious Ethics*, 42(4), 691-711
- Maria, M. A. S. M. (2018). *Transgredir para Educar: das mulatas de Di Cavalcanti a pedagogias transgressoras e engajadas*. [M.A Thesis]. São Paulo. UNESP
- Mignolo, W., Vasquez, R. (2013). *Decolonial Aesthetics: Colonial Wounds |Decolonial Healings*. Duke Center for Global Studies and Humanities.
- Morales, L,T; Camarena, O, C. (2004). *O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história?* Centro INAH Oaxaca. México.
- Nascimento, B. (1982). *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso*. *Revista Estudos Afro Asiáticos*, 6-7, 259-265.
- Neves, V, N. (2019). *Histórias ressignificadas entre Glorinha Fulustreka e Mulheres do Riachão*. [M. A. Thesis]. Faculdade de Ciências Sociais- Programa de Pós graduação Interdisciplinar em Performances Culturais- UFG.
- Óyěwùmí, O. (2016). *Matrilinearity: òyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood?* New York. Palgrave Macmillan 3, 57-92
- Quijano, A (1997). “*Colonialidad de poder, cultura y conocimiento en América Latina.*” *Anuario Mariategui*, (9), 113–22.
- Raposo, P. (2015). *Artivismo: articulando dissidências, criando insurgências*. *Cadernos de Antropologia e Arte*. Salvador (4)
- Santos, M, S, (2003). *Por uma sociologia dos Museus*. In *Museologia Social*. *Cadernos do Ceom*. Chapecó, 41(27), 47-70
- Sabharwal, A. (2015). *Digital Curation in Digital Humanities: Preserving and Promoting Archival and Special Collections*. Oxford. Elsevier Science and Technology-Chandos Publishing
- Seyal, M. (2020). *Human Rights and Art Activism: The US-Mexico Border*. [M.A Thesis]. New York. Columbia University
- Siqueira, J. M. (2020). *Corazonar uma Museologia onde caibam muitas museologias: a interculturalização do campo como projeto decolonial*. Em: Primo, J. & Moutinho, M. (ed). *Introdução à Sociomuseologia*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas . 113-152.

Vásquez, R. (2019) *El museo, la decolonialidad y el fin de la contemporaneidad*. Otros Logos, Revista de Estudios Críticos.

Woodley, X, M; Lockard, M. (2016). *Womanism and Snowball Sampling: Engaging Marginalized Populations in Holistic Research*. Qualitative Report Journal.